

Os gêneros dos quadrinhos e o ensino de Língua Portuguesa: estratégias de ensino para a *graphic novel Courtney Crumrin e as Criaturas da Noite*, de Ted Naifeh

Lucas Piter Alves Costa (UFV)¹
Alex Caldas Simões (UFV)²

RESUMO: Pretendemos em nossa exposição apresentar estratégias de ensino de Língua Portuguesa para a *graphic novel Courtney Crumrin e as Criaturas da Noite*, de Ted Naifeh. Pautados nas teorias de leitura e nos estudos sobre os quadrinhos, evidenciaremos a linguagem dos quadrinhos presente em *Courtney Crumrin* e estratégias de ensino de leitura para tal gênero discursivo. A utilização dos gêneros dos quadrinhos em ambiente escolar se constitui em um instrumento de ensino-aprendizagem bastante produtivo em sala de aula, principalmente no tocante ao ensino de leitura e produção de textos.

ABSTRACT: We intend to exhibit in our present strategies for teaching Portuguese for *graphic novel Courtney Crumrin e as Criaturas da Noite* (translated version) by Ted Naifeh. Graded in reading theories and studies about the comics, which showed: the language of comics in this *Courtney Crumrin* and strategies for teaching reading to this genre. The use of genres of comic in the school environment constitutes a tool for teaching and learning very productive in the classroom, especially with regard to the teaching of reading and producing texts.

1. Considerações iniciais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN, 1998) e os Conteúdos Básicos Comuns de Minas Gerais (CBC-MG, 2005) orientam que o ensino de Língua Portuguesa se atenha a práticas de linguagem, em especial ao estudo do texto, materializado em algum gênero discursivo. Tal demanda educativa, portanto, pressupõe a elaboração de novas estratégias de ensino que contemplem as atuais orientações pedagógicas.

A partir dessa demanda educativa e de pesquisa, nos perguntamos: *que* gêneros levar ao ensino de Língua Portuguesa, *como* instrumentalizá-los em práticas didáticas de língua materna? Essa é uma questão complexa que, atualmente, vem ganhando destaque no campo das ciências da linguagem.

Diante das possíveis respostas para essa complexa questão, o Ministério da Educação (MEC) parece acreditar no desenvolvimento de trabalhos a partir de um gênero discursivo em particular, as histórias em quadrinhos. O MEC vem incluindo, então, de maneira crescente, as histórias em quadrinhos em programas públicos, como o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), criado em 1997, que tem distribuído gratuitamente às escolas da rede pública de ensino (nível Infantil e Básico) livros de literatura, quadrinhos e outros.

De maneira mais clara, podemos dizer que em 2006, dos 225 títulos, os quadrinhos representaram na listagem do PNBE (distribuída em 2007) 4,5% do total de livros indicados; na listagem de 2008, dos 100 títulos, os quadrinhos representavam 7% do total de livros indicados (VERGUEIRO; RAMOS, 2009); e em 2009, “as HQs representam 4,2% dos 540 títulos listados pelo programa, a maior participação até hoje” (BONINO, 2009, p. 43). Dessa forma, o que se percebe, como também indica Bonino (2009), é que está havendo uma formalização/legitimação dos quadrinhos no ambiente escolar.

Motivados por essas inquietantes questões, pretendemos em nossa exposição apresentar algumas estratégias de ensino para *graphic novel Courtney Crumrin e as Criaturas da Noite*, de Ted Naifeh, livro indicado pelo PNBE em 2008. Pautados nas teorias de leitura (MOITA-LOPES, 1996; PIETRI, 2007) e em estudos sobre os gêneros e a linguagem dos quadrinhos (RAMOS, 2007, 2009; VERGUEIRO, 2009; EISNER, 1999; McCLOUD, 1995), evidenciaremos (a) o referencial teórico-metodológico que sustentará a nossa pesquisa e (b) a linguagem dos quadrinhos presente em *Courtney Crumrin*, concomitantemente com (c) as estratégias de ensino de leitura para tal gênero discursivo. Ao final de nossa exposição, apresentaremos nossas considerações finais sobre o assunto.

2. Gêneros, quadrinhos e leitura

¹ Email: <lucas.alves@ufv.br>.

² Email: <axbr1@yahoo.com.br>.

Atualmente pesquisar e/ou problematizar o campo teórico dos gêneros do discurso é uma tarefa árdua, tendo em vista as inúmeras vertentes teóricas e objetos possíveis para este estudo. Nessa seção, a fim de evidenciarmos a importância de seu estudo, muito mais do que o seu conceito, nos deteremos a alguns conceitos gerais sobre o assunto de forma a focar a produtividade da articulação dos estudos de gênero com o ensino.

Bakhtin (2000) conceitua gênero discursivo como um “enunciado relativamente estável” advindo de uma esfera social específica de comunicação que é estruturada por um conteúdo (temático), por um estilo verbal (léxico, frase, gramática) e por uma construção composicional que lhe são próprias. Dialogando com Bakhtin (2000), Marcuschi (2002) também acredita que os gêneros³ são fenômenos históricos e que surgem de uma necessidade de comunicação humana, tendo como função a ordenação e a estabilização das atividades sociais. Os gêneros são entidades sócio-discursivas e formais de ação social que estão presentes em qualquer evento de comunicação.

Todorov (1980), assim como os autores supracitados, enfatiza que os gêneros são formados e agrupados por propriedades discursivas específicas. Para o autor, os gêneros funcionam como “horizontes de expectativa” para os leitores e “modelos de escritura” para os autores. Dessa constatação, a abordagem dos gêneros em ambiente escolar nos parece produtiva, uma vez que nem todos os gêneros são apreendidos em sistemas informais de ensino.

Estudar gêneros, segundo Bazerman (2006b), é, portanto, uma forma de compreender que os textos geram *atos sociais*, ou seja, os textos só podem se realizar por meio de *gêneros*, que se organizam em torno de um *conjunto de gêneros* contidos em um complexo *sistema de gêneros* que fazem parte, por sua vez, de um grande *sistema de atividades humanas*. (BAZERMAN, 2006b).

Dessa forma, é o conjunto de repertórios de gêneros comunicativos que organiza a nossa vida social. Estudar gêneros, em sistemas formais ou informais de ensino, é compreender como as práticas discursivas, profissionais e sociais são produzidas de forma bastante distinta e reconhecível. Em outras palavras, é o gênero que, uma vez estabelecido, estrutura o ambiente social para que as práticas de leitura e escrita sejam mais eficientes (BAZERMAN, 2006a, 2006b).

Com isso, podemos concluir que articular o estudo de gêneros com o ensino corresponde a uma prática discursiva relevante para o ensino/aprendizagem dos alunos, afinal:

... os estudos dos gêneros são necessários exatamente porque não compreendemos os gêneros e as atividades de áreas não-familiares que são importantes para nós e para os nossos alunos. Até mesmo aqueles sistemas de gêneros e de atividades com os quais estamos, até certo ponto, mais familiarizados, podem ser submetidos a análises adicionais, de modo que possamos agir de forma mais eficaz e precisa, com uma noção mais articulada do que está acontecendo (BAZERMAN, 2006b, p. 36-37).

Uma vez constatado a produtividade da articulação dos estudos de gêneros com o ensino, cabe-nos indicar a que conteúdos e disciplinas podemos vinculá-los. De nossa pesquisa, acreditamos que as teorias de leitura da disciplina Língua Portuguesa podem ser bastante produtivas ao serem associadas ao estudo dos gêneros dos quadrinhos e a sua linguagem (RAMOS, 2007; 2009; VERGUEIRO, 2009).

A linguagem dos quadrinhos é multimodal. Sendo assim, exige dos leitores competências discursivas e textuais diversas, desde o reconhecimento do *uso de ícones* para representar ideias, conceitos e aspectos materiais, como a passagem do tempo na narrativa, até o reconhecimento de uma gramática específica que conjuga imagens e palavras, sem que com isso os quadrinhos sejam considerados a junção de A e B na formulação de sentidos, mas sim uma semiótica particular, C, distinta de AB. A leitura de quadrinhos é, portanto, uma atividade de esforço intelectual muito coerente com as práticas discursivas atuais.

O ensino de leitura, como já bastante difundido pelos postulados da Linguística Textual, pode privilegiar a leitura enquanto decodificação, processo cognitivo ou interação. Resgatando os estudos de Simões (2010) temos que: *a leitura enquanto decodificação* “é o processo de leitura mais próximo do código lingüístico. Seria como se consultássemos – no dicionário ou no próprio texto – os sentidos de cada palavra materializada em nossa frente e também as relações das palavras entre si.” (SIMÕES, 2010, p. 29); *a leitura enquanto processo cognitivo*, “se pauta no leitor, em seu conhecimento de mundo – advindo de sua vida cotidiana ou do estudo de algum conhecimento científico.” (SIMÕES, 2010, p. 29); e *a leitura enquanto interação* “pressupõe que a construção dos sentidos do texto não é dada, mas construída [...]. Aqui os

³ Aqui consideraremos gêneros textuais e gêneros discursivos como sinônimos, uma vez que entendemos que sua distinção, ao menos em nossa pesquisa, não se mostra relevante para os nossos objetivos.

interlocutores (produtor/leitor) são sujeitos ativos que dialogam na construção dos sentidos do texto” (SIMÕES, 2010, p. 29-30).

Diante desses conceitos teóricos de leitura, desenvolveremos as nossas estratégias de ensino pautados nos postulados de Moita Lopes (1996) e Pietri (2007). Moita Lopes (1996) sugere que o ensino de leitura se pautar na construção de estratégias simples – como a construção e verificação de hipóteses sobre um título, imagem ou outro – para que o aluno aborde o texto por meio de um processo perceptivo e por meio de um processo cognitivo de construção de significados.

Pietri (2007) sugere que devemos ativar gradativamente os conhecimentos prévios dos alunos para solução de problemas de leitura. Nesse sentido, a observação do suporte é colocada como aspecto fundamental para estabelecer as tão necessárias relações entre os conhecimentos textuais e os gêneros do discurso. Pietri (2007) ainda indica que os textos levados para sala de aula devem ser fragmentados em estratégias de leitura e não em estratégias de superficialização⁴: “Isso pode ser realizado com a elaboração de questões e a construção de hipóteses que sejam úteis para a compreensão de outras partes do texto” (PIETRI, 2007, p. 73). Em outras palavras, as hipóteses de leitura criadas nesse “jogo de mostrar e revelar” não se deterão somente ao aspecto materializado e apresentado em sala de aula (fragmentos), mas irão em direção a obra como um todo. Cabe salientar que para Pietri (2007) um bom texto para leitura é um texto que necessita de outros textos para ser compreendido.

Tendo, portanto, como aporte teórico-metodológico os estudos de quadrinhos e as teorias de leitura aqui delineados, passaremos, na seção seguinte, a descrever uma prática didática para a disciplina de língua portuguesa que teve como objeto de apreciação da *graphic novel* Courtney Crumrin e as *Criaturas da Noite*.

4. Estratégias de ensino de leitura para Courtney Crumrin

Trabalhar com quadrinhos em sala de aula exige do professor (e, conseqüentemente, dos alunos) conhecer a linguagem específica desse sistema semiótico e, naturalmente, conhecer aspectos temáticos da obra. Este último pode ser contemplado pela leitura atenta da narrativa, como seria no caso de qualquer outra obra de ficção. Já a linguagem dos quadrinhos, que tem mudado muito desde seus primórdios, exige para sua apreensão certas competências de leitura, muitas vezes negligenciadas quando o assunto é ensino de línguas e linguagens.

Antes de focarmos os aspectos da linguagem dos quadrinhos e como eles interferem na compreensão da obra de Naifeh, cabe falar um pouco dos aspectos de sua narrativa.

4.1. Aspectos temáticos e estilísticos

As histórias que compõem a *graphic novel* Courtney Crumrin são carregadas de humor negro, e misturam situações sobrenaturais com uma fatalidade que é encarada como se tudo fosse normal em um mundo repleto de pessoas e acontecimentos estranhos.

Durante a narrativa, Courtney se depara com todo tipo de “monstros adoráveis e pessoas abomináveis”: sua vizinhança ricaça e arrogante, seus pais fúteis e oportunistas, um duende carnívoro, um gato falante, um clone seu, um bebê mutante, etc. Soma-se a isso sua incapacidade de se ajustar na escola e na própria família do jeito que seus pais gostariam. O único que parece lhe entender é seu tio centenário e recluso – um bruxo, que lhe ensina sobre magia e sobre as criaturas da noite.

Se não fosse pelos dramas tipicamente adolescentes em torno de sua aparência, de seu lugar entre os amigos, da aceitação da família, as histórias de Courtney não seriam sobre fantasia e horror – sem a parcela de empatia que Ted Naifeh aplicou em sua narrativa, as histórias de Courtney Crumrin teriam um teor adulto indigesto por qualquer criança ou adolescente (mas esta é uma narrativa só para crianças e adolescentes?).

Em muitos aspectos, seria uma autêntica narrativa de horror, como pode se confirmar no texto da contra-capá: “Eles rastejam às escondidas pelos corredores escuros. Eles trituram ossos pelos cantos. E, às vezes, eles sobem na cama e observam Courtney enquanto a menina dorme. Sua mãe e seu pai não os percebem, mas o Tio Aloysius os conhece muito bem. Ele os chama de ‘Criaturas da Noite’” (NAIFEH, 2007, contra-capá). Mas o que torna a leitura de Courtney Crumrin um trabalho maior exigência intelectual não é só a temática existencial em torno da personagem, mas também aspectos de sua linguagem, de sua semiótica.

O estilo preto e branco (p&b), com traços rápidos e a voz de um narrador-personagem – um duende chamado Ferragem, que come carne de crianças – desta *graphic novel* realça o arco de histórias com uma

⁴ Isso implica dizer que os gêneros no ensino são recortados para que sua leitura se torne mais fácil para os alunos, ou seja, ao invés de levar para sala de aula um romance inteiro leva-se apenas um capítulo; ao invés de levar uma reportagem inteira leva-se só uma parte.

atmosfera sobrenatural e noturna. O leitor é levado a decodificar o significado das sombras, fazendo uma distinção das formas representadas na história, pois a leitura de quadrinhos em p&b difere da leitura de quadrinhos coloridos, em que os elementos são mostrados e se distinguem pelas cores. Noções de volume e profundidade exigem do quadrinista um trato específico no uso dos desenhos para narrar sua história. Assim como diversos textos literários têm seu estilo, o mesmo ocorre com os quadrinhos, e com qualquer outra sistema semiótico narrativo.

McCloud (1995, p.92) afirma que os “quadrinhos levam a gente pra uma dança silenciosa do que é visto e não visto. O visível e o invisível”. Essa afirmação se refere especificamente ao processo dialógico de construção de sentido que nos quadrinhos envolve a justaposição de quadros, ou seja, ao processo de *Conclusão*, que relaciona os quadros em uma narrativa. A afirmação atenta ainda que o reconhecimento das imagens em uma HQ em p&b é um jogo de “mostrar e ocultar”. A partir dessas observações, o professor pode levar os alunos a levantarem hipóteses sobre o narrador desse quadrinho. Quem é o narrador, como e por que ele tem acesso às informações de sua narrativa? O professor pode abordar questões ligadas à narrativa – como o estilo verbal do narrador e a atmosfera da história – fazendo com que os alunos identifiquem a personalidade de Ferrugem. Sendo um narrador sobrenatural, podemos inferir que algumas coisas vivenciadas pela personagem central foram vistas por ele também? Afinal, o próprio narrador-personagem disse: “Eu vejo tudo o que rola aqui. Sou o morador mais antigo da vizinha.” (NAIFEH, 2007, p.7).

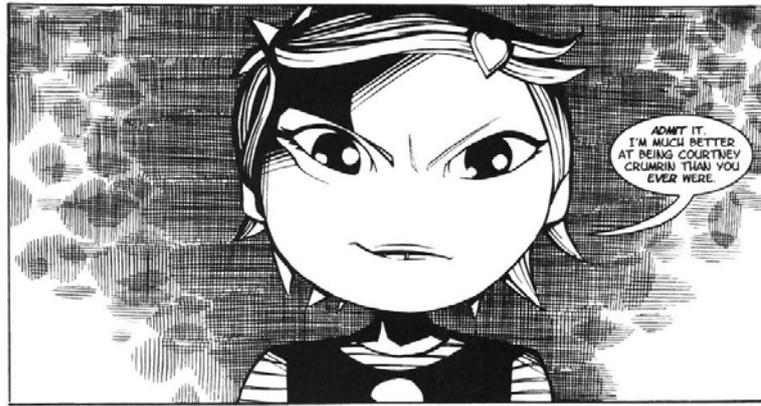
Outro ponto importante a ser considerado na narrativa de Naifeh é o seu traço. A importância do traçado em processos de leitura de HQ pode ser exemplificada com o que McCloud (1996) disse sobre o quadro *O Grito*, de E. Munch. Considerando o estilo desse pintor, em seu livro metalinguístico sobre quadrinhos, McCloud (1995) fez observações acerca da importância de se pensar a leitura desses aspectos. Segundo o autor, certos “padrões podem produzir um efeito quase fisiológico no espectador... só que ele vai atribuir essas sensações, não a si mesmo, mas aos personagens com os quais se identifica.” (McCLOUD, 1996, p.132).



(McCLOUD, 1996, p.132)

Não faltam exemplos desses “efeitos internos” citados pelo autor na *graphic novel* de Naifeh, mas um dos mais representativos é o que ocorre na ocasião em que um clone de Courtney discutia com a menina sobre seu direito de ser Courtney Crumrin. O fragmento com a fala do clone é o que se segue⁵:

⁵ A tradução na versão em português é a seguinte: “**Admita**. Eu sou melhor sendo Courtney Crumrin do que você **jamais** foi.” (NAIFEH, 2007, p.114).



Considerando a história como um todo, o professor pode sugerir aos seus alunos um exercício de comparação das diferentes nuances das expressões dos personagens e como elas se relacionam à situação representada na história. Esse reconhecimento exige do leitor intimidade com o caráter icônico das histórias em quadrinhos, do estilo do autor e da temática da história.

4.2. Aspectos narrativos e semióticos

De maneira geral, falar de qualquer aspecto dos quadrinhos, como acabamos de fazer, é falar de sua semiose. A nossa distinção aqui, portanto, se justifica pelo fato de que pretendemos atentar para aspectos específicos da linguagem dos quadrinhos, a saber, a relação de palavras e figuras, o quadro, o tempo e a perspectiva. Devemos ter consciência de que muitos outros estão ficando de fora, como a representação do som (balões e onomatopéias), uso de cores, tipografia (que pode assumir um estilo de acordo com o tema), diagramação (a relação com os quadros), etc.

Sobre o uso de palavras e figuras, o que o leitor de quadrinhos deve saber é que *uma história em quadrinhos não é a junção de palavras e figuras*. De fato, alguns teóricos afirmam que nem há palavras, mas sim a representação icônica do som, às vezes até desenhada. Não entraremos nessas questões aqui.

A “junção” de palavras e imagens não deve redundante. Não há por que o quadrinista desenhar o que escreveu, e vice-versa. Nos primórdios dos quadrinhos, essa premissa era pouco válida. Por essa razão, predomina até hoje certo senso comum de que a leitura de quadrinhos é uma atividade para a massa iletrada, e que palavras e imagens juntas é um produto do *comercialismo crasso*. (McCLOUD, 1996). O fragmento a seguir é um exemplo de que a relação entre palavras e imagens deve ser estudada. O leitor poderá notar que a narração das cenas é diferente da narração com as palavras, mas estão intimamente ligadas.⁶

⁶ A tradução dos
1. Aloysius Cru
2. E os pais de C
era boa demais p
3. Ela já visitara
4. Suas lembranças
5. O abandono e



subúrbio rico



O professor, ao trabalhar com quadrinhos, deve ficar atento para esses detalhes. Da mesma forma que um texto escrito pode conter redundâncias, a HQ, como texto multimodal, também pode. A seleção de material para as aulas de Língua Portuguesa com base em quadrinhos deve passar pelo crivo do professor. Em uma época em que a imagem tem assumido um papel proeminente na comunicação, é preciso ficar atento às formas de letramento visual e às competências discursivas exigidas para a leitura de imagens. O que defendemos aqui, no caso de quadrinhos, é que a imagem não é mera ilustração. A ideia que se tem de “ilustração” pelo senso comum é descartada pela imensa maioria dos quadrinistas e teóricos da área quando o assunto é quadrinhos.

Dessa forma o professor pode pedir aos alunos que reescrevam alguma parte da história. Esse exercício pode ser feito de duas maneiras: 1) reescrita apenas do texto linguístico; 2) reescrita, em prosa, de todo o fragmento, incluindo as partes imagéticas. Com isso, o professor poderá comparar como os alunos estão lendo histórias em quadrinhos, se são redundantes ou não em suas reescritas. Considera-se redundância na narrativa quadrinística quando o texto escrito funciona como paráfrase do texto imagético, ou vice-versa.

O quadro ou moldura é o principal elemento dos quadrinhos, mas geralmente “é negligenciado como ícone mais importante” (McCLOUD, 1996, p.98). Sua forma e disposição atuam como indicadores de que o tempo e o espaço estão sendo divididos. “As formas dos quadros variam muito, e, embora essas diferenças não afetem o ‘significado’ específico dos quadrinhos em relação ao tempo, elas podem afetar a **experiência** da leitura” (McCLOUD, 1996, p.99). A leitura de quadrinhos é um processo dialógico chamado *Conclusão*: o significado do quadro anterior é retomado no quadro seguinte, mas o que estabelece uma ligação entre eles é a atribuição de sentido, pelo leitor, no espaço vazio, chamado *sarjeta* ou *calha*, que fica entre os quadros. Por isso, a forma e disposição das molduras são importantes objetos de análise, pois fazem parte da gramática dos quadrinhos – resumem o modo como autor interage com a temática da história.



Como toda narrativa, os quadrinhos são uma arte temporal. McCloud (1996), Ramos (2009) e Eisner (1999) concordam que eles também são uma arte espacial, pois o leitor percorre os olhos pela página, seguindo uma sequência pré-estabelecida, indicada pelos balões, recordatórios (caixas de texto narrativo) e disposição dos quadros. O fragmento a seguir serve para mostrar o recorte tempo-espacial da narrativa:⁷

⁷ Tradução, na versão em português, na ordem dos recordatórios e do balão (NAIFEH, 2007, p.15):

1. Uma atraente luz acesa passava por baixo da porta.
2. Courtney tinha medo de provocar a ira do seu tio, mas seu pavor da casa deserta era muito maior.
3. Tio Aloysius?



Por fim, nos quadros – em sua forma – são estabelecidos os pontos de vista do narrador, através da perspectiva, como na narrativa cinematográfica. Em outras palavras, a perspectiva é o indicador de distanciamento do leitor como o objeto representado. Ela serve ainda para representar o ponto de vista dos personagens, diminuindo ou aumentando o distanciamento com algum aspecto da narrativa. No fragmento a seguir, o professor pode pedir aos alunos que interpretem o ponto de vista de cada quadro, indicando quais podem ou não ser atribuídos aos personagens e a quais.



O ponto principal dessa página para a análise da perspectiva é o quadro central. De acordo com Kress & Van Leeuwen (2001), a leitura de imagens no ocidente segue a lógica da leitura textual: do alto para baixo, da esquerda para a direita. No caso de textos multimodais, essa “sequência” naturalizada de leitura é precedida ainda pela leitura central, ou seja, do elemento que chama a atenção no centro da imagem. No nosso caso, seria o fim do corredor, que mostra o quão grande é a mansão dos Finch, o casal da cena. Aqui, a perspectiva estabelece com o leitor o ponto de vista dos personagens que acabaram de chegar. A atenção ao bebê⁸ e a surpresa do casal ao ver a casa em ordem é quebrada pelo “som” da voz de Courtney.⁹ Com base nessas

⁸ Na verdade, não é o bebê verdadeiro dos Finch. Trata-se de um mutante, pois o bebê humano havia sido sequestrado e substituído pela sua versão sobrenatural.

⁹ Tradução das falas, se acordo com a versão em português (NAIFEH, 2007, p.92):

1. Oh, **ei**. O casal feliz se **divertiu** esta **noite**?

2. **Sem dúvida**. Será que você pode voltar na semana que vem? Cinquenta dólares a **noite**...

observações, o professor pode ainda pedir aos alunos para descreverem o movimento do olhar dos pais do bebê, e interpretar o que isso significa.

5. Considerações finais

Evidentemente que não abordamos todas as questões que subjazem nos trabalhos com gêneros, em especial os quadrinhos. Não explicamos o que são os quadrinhos, seus meios de produção e recepção e variações estilísticas e temáticas. Tampouco focamos todos os aspectos que compõem a sua linguagem. Mas repetimos que ensinar a leitura de quadrinhos e ensinar sua linguagem (RAMOS, 2009).

O trabalho com quadrinhos nas escolas traz à tona inúmeras problemáticas. Além da necessidade de uma epistemologia para o letramento visual e empoderamento dos alunos das competências discursivas para a leitura de imagens (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001), o quadro em que se inserem os quadrinhos traz em si questões de sua classificação. O PNBE parece tratar os quadrinhos como literatura. Se ampliarmos o sentido de leitura e literatura, sim, os quadrinhos seriam *literatura*. Mas conforme Ramos (2009), McCloud (1996), Eisner (1999), Simões (2010) e Costa (2009), os quadrinhos não são literatura – no sentido institucional – embora agregue características dessa, bem como do cinema, das artes plásticas ou do teatro.

Outra problemática emergente está atrelada à classificação do gênero: é a sua seleção para as listas do MEC. Com a crescente onda de traduções intersemióticas de textos literários para quadrinhos, é comum que esses sejam selecionados para o envio às escolas conforme o PNBE. Ocorre que assim os quadrinhos passam a ser escolhidos pelos profissionais responsáveis não a partir de critérios linguísticos e semióticos, mas com base nos textos já legitimados em sala de aula, como as obras literárias. Toma-se, assim, os quadrinhos como meio de acesso às obras canônicas, não como texto em si, com suas peculiaridades.

Mas a principal pergunta ainda resiste, e resistirá enquanto não forem desnaturalizadas as práticas de ensino a partir da perspectiva dos gêneros, que ainda estão centradas em gêneros já muito trabalhados em sala de aula. Trabalhar com quadrinhos em sala de aula não significa apenas entender sua semiótica, mas possibilitar, a partir deles, a leitura competente de outros gêneros multimodais, gêneros que estão cada vez fazendo parte do cotidiano, como a publicidade, os hipertextos, as narrativas cinematográficas – cada vez mais avançadas, etc.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros discursivos. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.
- BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. Trad. e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006a. p. 23-34.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2ªEd. Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006b. p. 19-61.
- BONINO, Rachel. Onomatopéia, imagem e ação. In: *Revista Educação*. Ano 12, nº 144, Ed. Seguimento, Abr. 2009. p. 24-59.
- CBC – *Conteúdos Básicos Comuns*. Governo de Minas Gerais. SEE-MG, 2005.
- COSTA, L. P. A.; LOPES, E. C. *A contribuição das histórias em quadrinhos nas análises literárias: O Alienista, de Machado de Assis, em graphic novel*. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.
- EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. de Luís Carlos Borges. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 3ª edição, 1999.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: The grammar of visual design*. London: Routledge, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais e ensino*. Editora Lucerna: Rio de Janeiro, 2002. p. 19-36.
- MOITALOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996. p. 147-158.
- MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. Trad. Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.
- NAIFEH, Ted. *Courtney Crumrin and the night things*. EUA: Oni Press, 2007.
- NAIFEH, Ted. *Courtney Crumrin e as criaturas da noite*. Ilustrações do autor. Trad. Marquito Maia; letras de Paulo Tavares. São Paulo: Devir, 2007.

- PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação - MEC, 1998.
- PIETRI, Émerson de. *Práticas de leitura e elementos atuação docente*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 96p.
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMOS, P. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese (doutorado). USP, São Paulo: 2007.
- SIMÕES, Alex Caldas. Aline, gêneros e leitura: por novos paradigmas de ensino para o gênero tirinha no ensino básico. *Revista Intertexto*, v.3, n°1, Jan./Jun., 2010. p. 24-47.
- TODOROV, T. A origem dos gêneros. In: TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 43-58.
- VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos uma alfabetização necessária. In: BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, A.; VERGUEIRO, W. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3° Ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 31-64.
- VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-42.